

A Companhia de Jesus
na Península Ibérica
nos sécs. XVI e XVII

espiritualidade e cultura

ACTAS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL - MAIO 2004

VOL. I

Ano: 2004

Impressão – Humbertipo/Porto

ISBN: 972-99670-0-8

Depósito legal: 226756/05

Tiragem: 300 exemplares

Os trabalhos publicados são da responsabilidade
exclusiva dos seus autores

A disciplina do comportamento moral e social. Gaspar Astete (1537-1601) e o seu programa de formação da «juventude cristã».

Maria de Lurdes Correia Fernandes
Universidade do Porto

1. Nascido em Coca de Alba, perto de Salamanca, ao que tudo indica no ano de 1537, Gaspar Astete¹ foi o primeiro jesuíta, se não a conceber, certamente a concretizar um vasto programa de educação e formação cristã para todos os «estados» de homens e mulheres, da infância à viuvez. Autor do celeberrimo catecismo que, desde os últimos anos do século XVI até ao século XX, terá ultrapassado largamente o milhar de edições², a sua primeira obra impressa tanto pode ter sido este catecismo (cuja primeira edição se desconhece) como o *Modo de rezar el Rosario, Salmos y oraciones*, publicado em Salamanca em 1579 (reed. Burgos, 1593 e 1598)³. Seguiram-se as edições da primeira parte da *Institucion y guia de la juventud cristiana* (Burgos, Philipe de Junta, 1592), a segunda parte da mesma com o título de *Tratado del estado de la Religion, y de su excelencia y perfeccion: do se ponen algunos tratados y Homelias de san-*

¹ C. SOMMERVOGEL, S.J., *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, Bruxelles-Paris, 1890, vol. I, cols. 604-607; José E. de URIARTE y M. LECINA, S.J., *Biblioteca de Escritores de la Compañía de Jesús (...)*, Madrid, Imp. de la Viuda de López de Horno, 1925, Parte I, t. I, A-B; Luis RESINES, *Historia de la catequesis en Castilla y León*, Salamanca, Kadmos, 2002, esp. 116 ss.

² Sobre o catecismo, o problema da autoria e da sua confusão com o de Ripalda, as suas edições, vejam-se os diversos estudos de Luis RESINES, em especial «El Astete y l Ripalda, dos ejemplos de mixtificación», *Vida Nueva*, nº 1. 1195 (1979), 23-29; «Lectura crítica de los catecismos de Astete y Ripalda (I, II, III)», *Estudio Agustiniano*, 16 (1981), 73-131; 241-297; 405-448; «Astete frente a Ripalda: dos autores para una obra», *Teología y catequesis*, nº 58 (1996), 89-138, e *Historia de la catequesis en Castilla*, ed. cit., 118-9.

³ Luis RESINES, *Historia de la Catequesis en Castilla y León*, ed. cit., esp. p. 120.

tos... (Burgos, por Juan Baptista Varesio, 1594 e, talvez apenas com mudança de rosto⁴, em Burgos, pelo mesmo impressor, 1604), os tratados *Del gobierno de la familia, y estado del Matrimonio: Donde se trata, de como se han de auer los casados con sus mujeres, y los padres con sus hijos, y los Señores con sus criados*, Valladolid, Alonso de Vega, 1598 (reed. pelo mesmo em 1603, com o mesmo colofón) e *Del gobierno de la familia y estado de las viudas y donzellas*, Burgos, Philipe de Junta, 1597 (reed. pelo mesmo em 1603, com o mesmo colofón), todas em formato 8^{os}.

Do percurso biográfico e religioso de Gaspar Astete sabe-se muito pouco⁶: professou a 1 de Julho de 1555, foi professor de latim, ministro e mestre de noviços da Província de Castela, confessor e pregador, vice-reitor e reitor do colégio de Burgos e reitor do de Villímar. São dados muito sumários, embora forneçam importantes indicadores do seu peso institucional e pastoral. Será, sobretudo, através das suas obras que poderemos tentar compreender o esforço pastoral deste jesuíta, nos importantes anos 90 do século XVI.

O primeiro aspecto a salientar é o de que as diferentes obras de Astete foram concebidas de um modo claramente complementar, como se vê em diversas passagens das mesmas e, muito especialmente, na quarta parte, *Del gobierno de la familia y estado de las viudas y donzellas*, na qual afirma que os conselhos repartidos por todas «van eslabonados y encadenados unos con otros. Porque si en los primeros libros se dan documentos a los padres, de como han de criar a los hijos, y a los maridos de como han de averse con sus mugeres, y a los señores con sus criados: tambien a los hijos de como han de obedecer a sus padres, y a las mugeres de como han de agradar a sus maridos; y a los siervos de como han

⁴ O problema das edições das obras de Gaspar Astete, sendo lateral a este trabalho, mereceria um estudo específico e tecnicamente sustentado, já que várias das aparentes reedições não devem ter passado da mudança da folha de rosto. Assim sucede com a segunda e terceira parte das *Obras*, que mantêm no fim o colofón da primeira edição. Para a análise da primeira parte da *Institución y Guía de la Juventud...*, sirvo-me do exemplar existente na Biblioteca Nacional de Lisboa (Res. 3174); para as três restantes partes, utilizo os exemplares da Biblioteca Nacional de Madrid (R/25927-29).

⁵ Sobre a escolha do pequeno formato por este e outros jesuítas, veja-se o estudo de Bernabe BARTOLOME MARTÍNEZ, «Las librerías e imprentas de los jesuitas (1540-1767): una aportacion notable a la cultura española», *Hispania sacra*, 40 (1988), 315-388, no qual transcreve uns versos manuscritos em que um jesuíta se defende da acusação de editar livros pequenos: «... los libros pequeñitos y piadosos/ y otros de poco bulto y provechosos/ que hace la Compañía/ súfrellos o camina a Andalucía.../ pues la imprenta los sufre como un plomo/ y no a Concina que es de ingenio Romo./ Tu quisieras tomazos abultados/ cómo libros de coro tablacados/ pero frayle del alma...».

⁶ C. SOMMERVOGEL, *Bibliothèque...*, vol. I, col. 604; José E. de URIARTE y M. LECINA, *Biblioteca de Escritores...*, tomo I, 337; L. RESINES, *Historia de la catequesis en Castilla y León*, ob. cit., 119-20.

de ser fieles a sus señores» e, ainda, «si en esta quarta enseñamos a las madres viudas como han de enseñar a sus hijas donzellas: tambien enseñamos a las donzellas como han de servir a sus madres: para que las unas y las otras vivan loablemente en sus estados»⁷. Aliás, a visão circular da vida a que adequou as suas obras já ficara muito clara no prólogo da terceira parte das mesmas, *Del gobierno de la familia, y estado del matrimonio*: «quando el niño sale de la niñez, y passa por la puericia, y corre por la juventud, y se alegra en la adolescencia, sino se detiene en el puerto de la Religion, ò en estado de continencia, va à parar al tempestuoso mar del Matrimonio, para que otra vez vuelvan à salir deste mar los rios que entraron en el, que son los hijos, niños y mancebos, y los de edad mas crecida: y assi anda nuestra vida humana en un circuito perpetuo, haziendose padres los que primero fueron hijos, para que produziendo nuevos hijos, siempre se conserve y aumente el genero humano, como se conservan tambien desta manera todas las demas cosas que ay en el mundo. Y este es el discurso de mi libro que comienza en la enseñanza delos hijos, y acaba en la enseñanza de los padres, y luego da la buelta à la enseñanza de los hijos...»⁸.

A preocupação com a utilidade e o proveito moral das suas obras e, consequentemente, com a sua acessibilidade por parte de distintos leitores é visível não só na selecção do formato 12º e 8º e no uso do castelhano, mas também na sua diferenciação temática, a qual, acentuando a complementaridade, facilitava o seu uso por distintos estados. Como explica no final da primeira parte da *Institución y guia de la juventud cristiana*, «Mas porque este libro no crezca, ni sea grãde, sino manual y pequeño, y de poco precio: y porque lo puedan leer los niños en sus escuelas, y los estudiantes en sus estudios, y qualquiera persona lo pueda traer consigo, no yra con el la segunda parte, sino en otro libro por sí distincto. Y lo mesmo se hara de la tercera y quarta, que con la ayuda del Señor yremos prosiguiendo...»⁹.

De facto, o acento que coloca, em distintas passagens das obras, nos modos de as ler e nos seus públicos, com vista ao proveito tanto individual como colectivo, ajuda a compreender as suas intenções educativas que ultrapassam as estritamente pastorais. Se é certo que as obras poderiam ser lidas e usadas, antes de mais, por religiosos jesuítas ou outros e também pelos clérigos na sua acção pastoral, o autor tem presente a leitura directa pelos leigos, fossem eles os pais

⁷ Gaspar de ASTETE, *Del gobierno de la familia y estado de las viudas y donzellas...*, fl.7r-v.

⁸ Gaspar de ASTETE, *Del gobierno de la familia, y estado del matrimonio*, fl. 7v.-8r.

⁹ *Institución y guia de la juventud...*, *Primera parte*, «Al lector» (antes da «Tabla de los Documentos deste libro»).

de famílias ou os próprios jovens. Como afirmou no começo do prólogo ao leitor da quarta parte destas obras, «Doy por bien empleado (...) el trabajo de algunos años que me han costado los Documentos, que en las quatro partes deste libro he recogido: y doy me por bien pagado de el, con que algunas almas se ayan aprovechado dellos: y con que otras se puedan aprovechar de aqui adelante, leyendolos, o oyendolos leer»¹⁰. Aliás, já na aprovação tanto da primeira como da segunda parte da *Institucion y guia de la juventud cristiana*, o censor Manuel López reconheceu ser a obra «muy provechosa para que la lean todo genero de gente secular y mas particularmente los que tienen hijos, y mucho mas los mesmos hijos, assi quando andan en la escuela, que con esta lectura se enseñen a leer, como quando andan en el estudio de letras, que se les pegara mucha y buena doctrina, necessaria para las costumbres y vida Christiana»¹¹.

A actividade pastoral de Gaspar Astete na região de Burgos – como reitor e vice-reitor do colégio desta cidade e do de Villimar e também como pregador e confessor – terá sido o principal estímulo à redacção destas obras; em primeiro lugar, porque depois da publicação da *Doutrina cristã* e do *Modo de rezar o rosário* quis, como afirma no prólogo da *Institución y guia de la juventud*, «pasar mas adelante», começando por produzir «unos Documentos saludables para instituyr y guiar bien la juuentud Christiana», tanto pelos pais e mães, como pelos «maestros, ayos, curadores, predicadores y confesores», pelos próprios «nobles y generosos mancebos» e, claro, pelos padres da Companhia, «que traen las manos en la mesa del negocio de las almas: los quales podran encomendar esta lectura a las personas que entendieren les sera de provecho»¹².

Em segundo lugar, porque, partilhando com outros autores, fossem leigos, clérigos ou religiosos de distintas ordens, uma visão reformadora da sociedade e da educação dos leigos com vista a uma maior disciplina e influência dos modelos de vida cristã, olhava o papel dos «pais de famílias» – um conceito rehabilitado, precisamente, nos finais de quinhentos na Península Ibérica¹³ – como um factor essencial da reforma moral e social mais vasta. Daí aquela visão circular da educação e formação moral e, sobretudo, a insistência na educação dos

¹⁰ *Del gobierno de la familia y estado de las viudas y donzellas...*, «Al lector», fl. 7r.

¹¹ *Institucion y guia de la juventud...*, *Primera parte*, [fl. 3v.]

¹² *Institucion y guia de la juventud... Primera parte*, «Al lector», s.p.

¹³ Praticamente inexistente nos textos do século XV e primeira metade do século XVI, este conceito, talvez por influência italiana, passa a ser usado com alguma frequência nos textos espanhóis posteriores à década de 80 do século XVI (M^a de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, cartas e guías. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700)*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995, esp.292 e ss.

comportamentos e no controlo das atitudes, a começar pelos dos filhos, tanto na infância como na puerícia e juventude, sem esquecer a formação dos religiosos, dos pais de famílias e das viúvas..

2. O seu programa é, portanto, muito amplo e, obviamente, não pode ser devidamente aprofundado no limitado espaço deste artigo¹⁴. Por isso o limitarei à análise do modo como concebeu a educação infantil e juvenil no espaço familiar, considerando-o esteio e cimento de reforma de toda a sociedade cristã.

Partilhando com os seus contemporâneos, jesuítas ou não, a ideia recorrente em diversos textos de que a educação da infância e da juventude devia ser, além do dever, uma preocupação de todos os pais – porque esta é «la edad mas aparejada, y mas dispuesta para recibir la doctrina que se le enseñare de quantas ay»¹⁵ – Gaspar Astete fundou grande parte dos seus conselhos sobre a educação da juventude – a que dedicou toda a primeira parte da *Institucion y guia de la juventud christiana* e ainda o livro segundo da segunda parte desta obra – na convicção (que os séculos XVII e XVIII explorariam até à exaustão) de que «el niño que doctrinamos, es como una vara blanca y delgada, que facilmente se dexa doblar como queremos: y como una tabla rasa, donde no ay pintada cosa alguna, o como una massa de cera, que está dispuesta para que la sellemos como quisieremos»¹⁶. Ainda que tenha presente e até reitere os deveres dos mestres em todo o processo de educação comportamental (para além do escolar), Gaspar de Astete olhou a função educativa dos pais com uma redobrado atenção, nomeadamente, no caso de «gente noble», porque os pais «pocuraran enseñar con mas honestidad, y con menos peligro de cuerpo y de alma (...) que algunos ayos, o otras personas»¹⁷. Baseando-se também na sua experiência pessoal, Astete pôde afirmar com visível segurança e convicção: «Tengo por averiguado, que no se puede tomar empresa de mayor importancia que esta de la institucion y guia de la juventud»¹⁸.

Esta visão reiterada, insistente, do papel educativo dos pais deve ser vista no quadro das novas orientações reformadoras dos tempos pós-Trento que, resultante também da contribuição de muitos humanistas na primeira metade de Quinhentos, olharam a reforma da vida moral como uma prioridade que deve-

¹⁴ A alguns aspectos relacionados com a sua concepção do casamento e da vida familiar me ocupei em *Espelhos, Cartas e Guias*, ed. cit., 242-3, 270-3, 295-7, 332-3.

¹⁵ *Institución y guía de la juventud...*, *Primera parte*, fl. 4r.

¹⁶ *Institución y guía de la juventud...*, *Primera parte*, fl. 4r.

¹⁷ *Institución y guía de la juventud...*, *Primera parte*, fl. 12v.

¹⁸ *Institución y guía de la juventud...*, *Primera parte*, fl. 15v.

ria começar, precisamente, no seio da família e, depois, ser alargada a toda a sociedade, reforma essa que constituiu uma dimensão fundamental de toda a Reforma Católica. Já não estava apenas em causa a educação da nobreza nem a exploração da sua influência social e cultural. Nas prioridades dos jesuítas, nomeadamente em regiões relativamente afastadas da do poder político – como o prova bem o conhecido investimento catequético da Companhia – importava alargar o esforço tanto educativo quanto moralizante da infância e da juventude a distintos estratos sociais. Daí a crescente insistência, em variados tipos de textos, na formação dos «bons costumes», nas «virtudes» e na «boa criação» de crianças e jovens em geral, independente da, ou complementarmente à, sua formação escolar.

Aliás, quando Astete se debruçou sobre os deveres dos pais de famílias, no *Libro segundo do Del gobierno de la familia*, seleccionou como primeiro «Documento» o modo «Como los Padres y las madres han de criar a los hijos en su casa, y enseñarlos ellos mismos»¹⁹. Comparando a casa do pai a um forno, afirmou que «conviene mucho mirar que no salgan desta primer hornada, torcidos, o cascados, o mal sazonados», responsabilizando primeiramente as mães «porque es su officio proprio y principal»²⁰ e relembrando-lhes os argumentos já cansados (porque muito repetidos e aparentemente ineficazes) dos inconvenientes do recurso às amas e as muitas vantagens do aleitamento materno, tanto pelo alimento físico quanto moral, uma vez que neste influiria também «la leche de las buenas costumbres y doctrina»²¹. Por isso também fez depender o comportamento moral dos filhos do exemplo dos pais, porque «mas mueve el ejemplo para la imitacion, que quantas palabras se pueden dezir», discorrendo nessa sequência sobre a importância do castigo «moderado y discreto» logo a partir da infância²².

Tendo em conta esta visão articulada dos deveres educativos dos pais, é compreensível que, quando Astete se debruça largamente sobre a educação moral e o comportamento dos jovens, tenham uma presença significativa o «amonestar», o «corrigir» e o «castigar» dos filhos pelos pais.

¹⁹ Gaspar ASTETE, *Del gobierno de la familia...*, 295-301 (=303). Sobre a importância crescente atribuída à educação dos filhos, a começar no espaço doméstico e sob a vigilância dos pais, em diversos textos doutrinários e literários de Quinhentos e Seiscentos, já me ocupei em *Espelhos, Cartas de Guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica...*, ed. cit., 163-198 e, esp., 338-402 («O primado dos “bons costumes” na educação dos filhos»).

²⁰ Gaspar ASTETE, *Del gobierno de la familia...*, 294 (=296).

²¹ *Del gobierno de la familia...*, 295 (=297).

²² *Del gobierno de la familia...*, 499ss.

De facto, no vasto quadro educativo em que se inserem os dois volumes da *Institucion y guia de la juventud christiana*, ocupa um espaço considerável tanto o «ensino» e «doctrinamiento», como a «correction y castigo», se bem que «con discrecion y prudencia, teniendo cuenta con el natural de cada uno de los niños»²³, uma vez que «o el regalo de los padres, o el buen tratamiento de su persona, o la torpe ociosidad, o la maldita soberbia, o la indomita libertad, o las malas compañías, en breve dan con el mancebo en el profundo de los males, y en el despeñadero dela muerte del alma»²⁴.

Portanto, do seu ponto de vista – partilhado por outros autores da época e até posteriores –, o ensino e o castigo faziam parte do mesmo processo educativo, porque, como começou por afirmar, «el hombre que en su niñez es criado con regalo y buen tratamiento del cuerpo, sin doctrina ni castigo de sus padres, echa hondas rayzes en la tierra, que son las afficiones viciosas, y costumbres terrenas...»²⁵. Como dirá no *Tratado del estado de la Religion*, «el que huviere de entrar en la Religion, no entre tan verde y tan fresco en los vicios, y en las passiones no domadas, que se quede siempre con sus malos siniestros, y venga a echer a perder a si, y a su Religion: y a otros muchos»²⁶.

Além disso, mesmo dispendendo variadíssimos argumentos para convencer os pais a serem os principais educadores dos filhos, Astete não podia esquecer o recurso frequente à amas e a inevitabilidade da presença do aio, sobretudo entre a nobreza e alta burguesia, e por isso retomou todos os argumentos tradicionais que a longa tratadística anterior havia desenvolvido (doc. VII), como, aliás, o fez em relação aos «maestros de las escuelas de niños»²⁷, a quem a obra também foi dedicada.

Mas algumas das considerações mais interessantes – porque fornecem informações importantes sobre hábitos da época – encontram-se no segundo livro da obra «En el qual se trata de las virtudes que ha de tener el mancebo Christiano: y de como se ha de auer con los de casa»²⁸ e no terceiro «En el qual se trata de como se ha de auer el mancebo con los de fuera»²⁹.

Recuperando, uma vez mais, a imagem da tábua rasa, os seus primeiros argumentos giram em torno do valor e benefícios da castidade, da importância

²³ *Institucion y guia de la juventud...*, Primera parte, fl. 5r.

²⁴ *Institucion y guia de la juventud...*, Primera parte, fl. 15v.

²⁵ *Institucion y guia de la juventud...*, Primera parte, fl. 2r.

²⁶ *Tratado del estado de la Religion*, fl. 65r.

²⁷ *Institucion y guia de la juventud...*, Primera parte, fl. 27v e ss.

²⁸ *Institucion y guia de la juventud...*, Primera parte, fl. 72r e ss.

²⁹ *Institucion y guia de la juventud...*, Primera parte, fl. 127v e ss.

das leituras devotas, dos malefícios das pinturas e livros lascivos «que se leen a solas, o que se escrivem, o cantan». Propõe mesmo – antecipando os argumentos que a *Ratio Studiorum* de 1599 divulgará amplamente³⁰ – que «los que visitan escuelas de niños, y las universidades, y estudios particulares, aurian de mandar, que ni huviesse, ni se leyessen libros deshonestos y de malas costumbres, ni en romance, ni en Latin, como son, Marcial, Catullo, Propercio, y otros semejantes»³¹. E mesmo «si algunos de los Poetas se han de leer, mas ha de ser para imitar la eloquencia y manera buena de dezir, que para quedarnos con la miel dulce y engañosa de las cosas que cuentan»³². Igualmente críticas – e muito significativas no quadro modelar do comportamento dos jovens e, muito especialmente, como bem o mostra muita da literatura da época, dos estudantes – são as suas referências às «casas publicas de mujeres perdidas», cujos perigos para os jovens e estudantes eram por demais conhecidos e denunciados.

Também neste contexto fazem especial sentido os seus conselhos relativos à prática da confissão – lembrando o tópico de todos os confessionais do recurso a confessor conhecido³³ –, aos devotos exercícios em que devia ocupar-se o jovem, como eram ouvir missa, sermões, rezar ofício e o Rosário de N. Senhora, ler livros devotos, exemplificados nos de Fr. Luís de Granada, de Juan de Avila, no *Contemptus mundi* de Tomas Kempis, nas *Confissões e Meditações* de S. Agostinho, nas obras de S. Boaventura e, sobretudo, as vidas dos santos recolhidas nos *Flores sanctorum* da época³⁴.

Neste vasto panorama formativo, a «honestidad y modestia» são, obviamente, apresentadas como duas das virtudes basilares do comportamento do jovem³⁵, que deviam ser escoradas pela vergonha, pelo silêncio, pela obediência³⁶. No leque variado que ia das práticas religiosas ao comportamento moral e social, desejava-se que as atitudes do jovem se pautassem pela moderação nos gestos³⁷, nas palavras e no uso dos sentidos³⁸, nos diversos comportamentos em

³⁰ Cito pela edição bilingue latim-francês, dir. AA.VV., *Ratio Studiorum. Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus*, Paris, Belin, 1997, esp. p. 86: «Abstinendum a libris inhonestis».

³¹ *Institucion y guia de la juventud...*, *Primera parte*, fl. 83r.

³² *Institucion y guia de la juventud...*, *Primera parte*, fl. 83v.

³³ *Institucion y guia de la juventud...*, *Primera parte*, fl. 91 e ss.

³⁴ *Institucion y guia de la juventud...*, *Primera parte*, fl. 94v-96r; já no doc. II do *Libro segundo* havia aconselhado a leitura de «algun libro deuoto, especialmente si trata de la Passion del Señor» (fl. 79v.).

³⁵ *Institucion y guia de la juventud...*, *Primera parte*, «libro segundo», doc. VII: «De la honestidad y modestia que el mancebo deue guardar», fl. 96 e ss.

³⁶ *Institucion y guia...*, fl. 98r.

³⁷ *Institucion y guia...*, fl. 99 e ss.

³⁸ *Institucion y guia...*, fl. 104r-105v.

privado ou em público, e até na forma de vestir³⁹, evitando modas estrangeiras – tanto mais que, segundo afirma o autor, «los Españoles andan como monas, imitando los trages de todas las naciones, y cada año inuentan nuevos generos de vestidos»⁴⁰.

Aquelas virtudes e esta moderação deviam ser exercitadas, antes de mais, em casa, sendo «para todos» «manso y humilde, afable y bien acondicionado»⁴¹, especialmente com as irmãs, às quais ha «de honrar mas y tratarlas mejor, no les poniendo las manos, ni affrentandolas de palabra...»⁴², cuidando delas de modo especial e reforçado em caso de viuvez da mãe⁴³. Em consonância, o trato com os criados devia ser relativamente distante, evitando toda familiaridade, muito particularmente com as criadas...⁴⁴.

Os conselhos relativos ao modo «como se ha de auer el mancebo con los de fuera» (livro terceiro)⁴⁵ não diferiram nos pressupostos e nos objectivos, embora este exigisse ainda mais cuidados e, sobretudo, grande «discrecion y cordura»⁴⁶. Considerando Astete que «un mancebo discreto y bien compuesto en sus costumbres, es bastante para componer una casa entera, y aun reformar toda una comunidad»⁴⁷, faz muito sentido que tenha começado por defender que o «discreto mancebo ha de hablar a todos con buena criança y hazerles toda cortesía y honrarles»⁴⁸; deveria ter em conta, obviamente, a qualidade da pessoa e saber «jugar con la espada de la lengua, para que con ella hable tan discreto, y juegue tan limpio, que a todos agrade, y a nadie offenda», não autorizando que em sua presença se falassem «palabras torpes, necias y de chocarrería»⁴⁹, nem se murmurasse dos outros, porque não era «cosa de hombres Christianos roer las vidas ajenas, ni despedaçar las famas de los ausentes, murmurando y diciendo mal»⁵⁰.

Como seria de esperar, a propósito da fala com mulheres, Astete redobrou as cautelas e os avisos, porque «el trato menos necessario y mas dañoso para el, es el de mugeres, como la experiencia lo enseña...»⁵¹. Por isso, «en el caso que

³⁹ *Institucion y guía...*, fl. 106r e ss.

⁴⁰ *Institucion y guía...*, fl. 109v.

⁴¹ *Institucion y guía...*, fl. 112v.

⁴² *Institucion y guía...*, fl. 116r.

⁴³ *Institucion y guía...*, fl. 116 e ss.

⁴⁴ *Institucion y guía...*, fl. 122 e ss.

⁴⁵ *Institucion y guía...*, fl. 127v. e ss.

⁴⁶ *Institucion y guía...*, fl. 129v. e ss.

⁴⁷ *Institucion y guía...*, fl. 135r.

⁴⁸ *Institucion y guía...*, fl. 131-2.

⁴⁹ *Institucion y guía...*, fl. 134v.

⁵⁰ *Institucion y guía...*, fl. 140r.

⁵¹ *Institucion y guía...*, fl. 142v.

hayas de visitar, o hablar [con] mugeres, se corto, grave y modesto, y no risueño, y muy alegre y chocarrero: y no les cuentes cuentos indecentes, ni curiosidades no necessarias, ni nuevas impertinentes. En el mirarlas se cauto y honesto, en el oyrlas atento, en el responderlas sucinto, en el despedirte ligero»⁵²; e nem mesmo com as mulheres «buenas y devotas» devia ser livre a conversação, «porque por esso no dexan ellas de ser mugeres, y tu hombre» e «aunque el trato comience por bien y por espiritu, puede venir a parar en carne»⁵³.

Claro que estas advertências e conselhos assentam não só em padrões de «honestidade» e de recato individual, mas também de sujeição a regras de comportamento social e público que nem sempre os jovens respeitavam. As muitas denúncias, em variados tipos de textos, dos desacatos públicos dos jovens são também reiteradas e criticadas por Astete: «Suele auer en las ciudades, y en los estudios, y universidades algunos mancebos tan inquietos y *rencillosos*, que no tienen otro officio sino inquietar y hazer (como dicen) salir de sus casillas a los mancebos modestos y sossegados: andando de noche por las calles rompiendo las puertas y ventanas, hurtando lo que pueden, injuriando a los que pasan, y haziendo otras semejantes trabessuras. Y desta suerte se van haziendo libres, indomitos, deshonestos, menospreciadores de sus padres, incorregibles, amigos de su parecer...»⁵⁴. Talvez por isso sejam tão repetidos, nos diversos textos que se debruçam sobre o comportamento infantil e juvenil – e também nestes de Gaspar Astete – os apelos à escolha de boas companhias e dos amigos, que deveria incidir nos que «en sus costumbres son blandos, sinceros, suaves y apazibles, que dan buen olor de si, y viven con exemplo de honestidad», ou seja, «aquellos de quien puedas aprouecharte en la virtud», que se confessam «a menudo, y oyen sermones, y no pierden sus lecciones: los que visitan los pobres de los hospitales, y hazen semejantes obras de caridad»⁵⁵, que são prudentes, liberais, zelosos do bem do amigo, verdadeiros, iguais «en edad, en estudio, en condicion, en manera de vivir, y mas en costumbres» e «en riquezas»⁵⁶. Ao contrário, juntarem-se aos «mancebos dissolutos, holgazanes, comedores, beuedores, jugadores, deshonestos...» significava perder «la verguença y honestidad», «el temor de Dios», fazer «concierto con la muerte del alma, y con el infierno»⁵⁷.

⁵² *Institucion y guia...*, fl. 144r.

⁵³ *Institucion y guia...*, fl. 145r.

⁵⁴ *Institucion y guia...*, fl. 146r.

⁵⁵ *Institucion y guia...*, fl. 149v-150v.

⁵⁶ *Institucion y guia...*, fl. 152r.

⁵⁷ *Institucion y guia...*, fl. 156r.

Segundo o autor (numa visão que se encontra em outros textos da época), esta perdição juvenil era resultado da negligência dos pais, de «la libertad que les dan, la abundancia del comer y beuer, el regalo y la ociosidad con que los crian»⁵⁸. E, por isso, para evitar a maléfica ociosidade que sempre ajudava a germinar e crescer os vícios, Gaspar Astete sabia que as «honestas recreaciones» tinham (ou deviam ter) um lugar importante nas ocupações dos jovens e não hesitou em reconhecer que «la recreacion es tan necessaria para el hombre que viue enel mundo, como la sal para el manjar que se ha de comer»⁵⁹, mas, tal como o sal, devia ser moderada para não ser prejudicial. Por isso também a sua falta é criticada por poder conduzir ao «extremo vicioso, que se llama rusticidad, o inurbanidad: y es, quando un hombre viue vna vida triste y solitaria, apartado de los demas hombres», como sucederia com «algunos moços mal acomplexiados y melancolicos: que son tan esquivos y solitarios, que apenas les vereys el rostro alegre, claro, ni levantado»⁶⁰. Se lembrarmos que o mesmo autor já havia valorizado a inculcação dos hábitos de cortesia nos jovens em todos os momentos ou circunstâncias de convivialidade, faz todo o sentido a recomendação de que também o «mancebo discreto» soubesse «a tiempos callar, y oyr, y recogerse: y a tiempos hablar, responder, preguntar y conversar»⁶¹.

Neste contexto, seria inevitável reflectir sobre a importância do jogo e das representações teatrais. Todos os jesuítas sabiam que não era suficiente nem eficaz simplesmente proibir estas distrações. É, aliás, razoavelmente conhecido o uso inteligente do teatro em latim nos colégios dos jesuítas, a sua função pedagógica e os seus intuitos tanto educativos quanto moralizadores. Mas, fora dos colégios, sobretudo em Espanha, as comédias eram cada vez mais representadas, mais vistas e aplaudidas, nomeadamente por alguns clérigos que também nelas participavam⁶². Mas também eram cada vez mais criticadas, por um lado, em razão do perigos que muitos viam nessa afeição e, por outro, pelas “ousadias”, em palavras e gestos, de muitas delas que, como afirma Astete, «mezclan entre lo poco bueno que tienen, tantas canciones lascivas, tantos dichos deshonestos, tantos entremeses indecentes, y tantas cosas ocasionadas a mal, que con esto la tierna juventud (...) facilmente es inflamada en el fuego de la concupiscencia»⁶³ – já para não falar do dano para as donzelas, casadas e mulheres em geral⁶⁴,

⁵⁸ *Institucion y guía...*, fl. 157v.

⁵⁹ *Institucion y guía...*, fl. 161r.

⁶⁰ *Institucion y guía...*, fl. 162v-3r.

⁶¹ *Institucion y guía...*, fl. 163r.

⁶² *Institucion y guía...*, fl. 166v.

⁶³ *Institucion y guía...*, fl. 171v-2r.

⁶⁴ *Institucion y guía...*, fl. 172r.

sobretudo desde que «se han hecho theatros en algunas casas y lugares dedicados al seruicio de Dios»⁶⁵.

Por isso tentou – como tentaram muitos outros – orientar o jovem para «exercicios honestos» como «leer, escribir y contar» que considerou ser «una delas mayores noblezas *que* puede tener un mancebo»⁶⁶, ou «esgrimir, correr, tirar, caçar, hazer mal a un cavallo», ou «algun officio de manos, como dibujar, esculpir, pintar, tallar, bordar, o otros como estos, que muestran ingenio y habilidad»⁶⁷, ou ainda, moderadamente, a música (desde que «en la musica no aya cantares lascivos y suzios»⁶⁸). Já no dançar, ocupação que geralmente os pais gostavam de dar aos filhos⁶⁹, Astete vê «poca necessidad» e «poca autoridad», por os considerar «exercicios de mugeres» e não de «mancebos modestos»⁷⁰.

O corolário deste panorama educativo é a escolha de estado: a religião ou o matrimónio. As dificuldades e os deveres de um e outro não cabiam, obviamente, numa obra sobre a educação da juventude. Por isso lhes dedicou duas outras obras diferenciadas, do mesmo modo que ao comportamento da viúva e aos seus deveres de criação das suas filhas reservou um outro volume que conclui o ciclo educativo de que acima falei.

Mas este ciclo não prescinde nunca do modelo de disciplina pessoal e social que subjaz à primeira parte da *Institucion y guia de la juventud cristiana...*, obra que, significativamente, contém no quarto livro um «sermon del gran Basilio, de como se han de aprovechar los estudiantes de los libros delos gentiles que oyen, o leen» e ainda «un orden para bien confessarse, y unas reglas de honesta vida»⁷¹. Estas, ao mesmo tempo que fornecem uma síntese dos principais conselhos dispersos na obra, constituem também um sumário dos tópicos em que assentam as normas de vida cristã dos distintos estados sociais de que o autor vai ocupar-se nas obras seguintes, tendo em conta a especificidade da vida, das obrigações, das condicionantes dos mesmos, uma vez que, como comecei por afirmar, Gaspar Astete nunca perde de vista a visão articulada, complementar e, em certo sentido, circular da formação cristã para o sucesso de toda a Reforma Católica em que, visivelmente, como jesuíta, também se empenhou.

⁶⁵ *Institucion y guia...*, fl. 173v.

⁶⁶ *Institucion y guia...*, fl. 176r.

⁶⁷ *Institucion y guia...*, fl. 177r-v.

⁶⁸ *Institucion y guia...*, fl. 180r.

⁶⁹ *Institucion y guia...*, fl. 182r: «...algunos padres quieren enseñar a sus hijos este exercicio, y les parece que es vno de los *que* mucho conuiene *que* sepa vn mancebo...».

⁷⁰ *Institucion y guia...*, fl. 183r-v.

⁷¹ *Institucion y guia...*, fl. 204r-248r.